



**DICIONÁRIO DOS RITUAIS
AFRO-BRASILEIROS**

L P Baçan

DICIONÁRIO DOS RITUAIS AFRO-BRASILEIROS

L P Baçan

Edição Eletrônica: L P Baçan

Junho de 2012

<http://www.scribd.com/lpbacan>

<http://www.acasadamagodasletras.net>

Direitos exclusivos para língua portuguesa:

Copyright © 2012 L P Baçan

Londrina — PR — Brasil

**Autorizadas a reprodução e distribuição gratuita
desde que sejam preservadas as características originais da obra.**

RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS

São consideradas religiões afro-brasileiras, todas as religiões que tiveram origem nas Religiões tradicionais africanas, que foram trazidas para o Brasil pelos negros africanos, na condição de escravos. Ou religiões que absorveram ou adotaram costumes e rituais africanos.

- * Babaçuê - Maranhão, Pará
- * Batuque - Rio Grande do Sul
- * Cabula - Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Santa Catarina.
- * Candomblé - Em todos estados do Brasil
- * Culto aos Egungun - Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo
- * Culto de Ifá - Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo
- * Encantaria - Maranhão, Piauí, Pará, Amazonas
- * Omoloko - Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo
- * Pajelança - Piauí, Maranhão, Pará, Amazonas
- * Quimbanda - Em todos estados do Brasil
- * Tambor-de-Mina - Maranhão
- * Terecô - Maranhão
- * Umbanda - Em todos estados do Brasil
- * Xambá - Alagoas, Pernambuco
- * Xangô do Nordeste - Pernambuco

As religiões afro-brasileiras na maioria são relacionadas com a religião yorubá e outras religiões tradicionais africanas, sendo uma parte das religiões afro-americanas e diferentes das religiões afro-cubanas como a Santeria de Cuba e o Vudu do Haiti, pouco conhecidas no Brasil.

CANDOMBLÓÉ

Antes da abolição da escravatura em 1888, os negros escravizados fugidos das fazendas reuniam-se em lugares afastados nas florestas em agrupamentos ou comunidades chamadas quilombos. Depois da libertação, os africanos libertos reuniam-se em comunidades nas cidades que passaram a chamar de candomblé. Candomblé é o nome genérico que se dá para todas as casas de candomblé independente da nação. A palavra candomblé, a princípio usada para designar qualquer festa dos africanos, teria sua origem nas línguas bantu da palavra Candomblé, que no Uruguai é um ritmo musical afro-uruguaio.

Iniciação

Nas religiões afro-brasileiras, vários termos são usados para designar a iniciação.

Cada uma das religiões tem seus termos próprios, iniciação, feitura, feitura de santo e raspar santo são mais usados nos terreiros de candomblé, Candomblé de Caboclo, Cabula, Macumba, Omoloko, Tambor de Mina, Xangô do Nordeste, Xambá. No Batuque usa-se o termo fazer a cabeça ou feitura. No Culto de Ifá e no Culto aos Egungun usam o termo iniciação, porém os preceitos são diferentes das outras religiões.

No Candomblé (o período de iniciação é de no mínimo sete anos) se inserem os rituais de passagem, que indicam os vários procedimentos dentro de um período de reclusão que geralmente é de 21 dias (podendo chegar a 30 dias dependendo da região), o aprendizado de rezas, cantigas, línguas sagradas, uso das folhas (folhas sagradas), catulagem, raspagem, pintura, imposição do adoxu e apresentação pública, é individual e faz parte dos preceitos de cada pessoa que entra para a religião dos orixás.

No Candomblé Jeje a iniciação ao culto dos voduns é complexa e longa, de no mínimo sete anos. O período de reclusão pode chegar a durar um ano, envolvendo longas caminhadas a santuários e mercados, dentro do convento ou terreiro *hunkpame*, onde os neófitos são submetidos a uma dura rotina de danças, preces, aprendizagem de línguas sagradas e votos de segredo e obediência.

A princípio, nessas cerimônias, tem que haver o desprendimento total. Na iniciação deve-se morrer para renascer com outro nome para uma nova vida, no candomblé Ketu o Orunkó do Orixá (só dito em público no dia do nome), no Candomblé bantu além do nome do Nkisi (jamais revelado), tem a dijína pelo qual será chamado o iniciado pelo resto da vida.

Quando uma pessoa iniciada morre é feito o desligamento do Egum, Nvumbe na cerimônia fúnebre e no Axexê, conhecido pelos nomes de sirrum e zerim, que varia dependendo do grau iniciático do morto.

A Umbanda e Quimbanda não incluem os ritos de passagem, nem feitura de santo propriamente dita, uma vez que não incorporam Orixás, mas os Falangeiros de Orixás. Usa-se o termo fazer a cabeça onde pode existir a catulagem e pintura, porém a cabeça não é raspada completamente e não há a imposição do adoxú. A reclusão nesses casos é de três a sete dias, quando são feitas a instrução esotérica, o aprendizado das rezas e pontos riscados e cantados e é feita a apresentação pública.

O Babaçuê é de origem indígena, porém já adotam algumas influências da Umbanda.

Crenças

De todas as religiões afro-brasileiras, a mais próxima da Doutrina Espírita é um segmento (linha) da Umbanda denominado de "Umbanda branca" e que não tem nenhuma ligação com o Candomblé, o Xambá, o Xangô do Recife ou o

Batuque. Embora popularmente se acredite que estas últimas sejam um tipo de "espiritismo", na realidade trata-se de religiões iniciáticas animistas, que não partilham nenhum dos ensinamentos relacionados com a Doutrina Espírita. Entretanto, outros segmentos da Umbanda podem ter algumas semelhanças com a Doutrina Espírita, mas também com o Candomblé por causa da figura dos Orixás.

No tocante especificamente ao Candomblé, crê-se na sobrevivência da alma após a morte física (os Eguns) e na existência de espíritos ancestrais que, caso divinizados (os Orixás, cultuados coletivamente), não materializam; caso não divinizados (os Egungun), materializam em vestes próprias para estarem em contacto com os seus descendentes (os vivos), cantando, falando, dando conselhos e auxiliando espiritualmente a sua comunidade. Observa-se que o conceito de "materialização" no Candomblé, é diferente do de "incorporação" na Umbanda ou na Doutrina Espírita.

* Em princípio os Orixás só se apresentam nas festas e obrigações para dançar e serem homenageados. Não dão consulta ao público assistente, mas podem eventualmente falar com membros da família ou da casa para deixar algum recado para o filho. O normal é os Orixás se expressarem através do jogo de Ifá, (oráculo) e merindilogun.

* Dependendo da nação ou linha de candomblé, os candomblés tradicionais não fazem a princípio contato com espíritos através da incorporação para consultas; é possível, mas não é aceito.

* Já o candomblé de caboclo tem uma ligação muito forte com caboclos e exus que incorporam para dar consultas. Os caboclos são diferentes da Umbanda.

* E existem os candomblés cujos pais de santo eram da Umbanda e passaram para o Candomblé que cultuam paralelamente os Orixás e os guias de Umbanda.

No Candomblé, todo e qualquer espírito deve ser afastado principalmente na hora da iniciação, para não correr o risco de um deles incorporar na pessoa e se passar por orixá. O Iyawo recolhido é monitorado dia e noite, recorrendo-se ao Ifá ou jogo de búzios para detectar a sua presença. A cerimônia só ocorre quando este confirma a ausência de Eguns no ambiente de recolhimento.

Afastam todo e qualquer espírito (egun) ou almas penadas, forças negativas, influências negativas trazidas por pessoas de fora da comunidade. Acredita-se que pessoas trazem consigo boas e más influências, bons e maus acompanhantes (espíritos). Através do jogo de Ifá se poderá determinar se essas influências são de nascimento Odu, de destino ou adquiridas de alguma forma.

Os espíritos são cultuados, nas casas de Candomblé, em uma casa em separado, sendo homenageados diariamente uma vez que, como Exu, são considerados protetores da comunidade.

Existem Orixás que já viveram na terra, como Xangô, Oyá, Ogun, Oxossi. Viveram e morreram. Os que fizeram parte da criação do mundo só vieram para criar o mundo e retiraram-se para o Orun, o caso de Obatalá e outros chamados Orixá funfun (branco).

Existem as árvores sagradas que são as mesmas das religiões tradicionais africanas onde Orixás são cultuados pela comunidade como é o caso de Iroko, Apaoká, Akoko, e também os orixás individuais de cada pessoa que é uma parte do Orixá em si e são a ligação da pessoa, iniciada com o Orixá divinizado. Ou seja uma pessoa que é de Xangô, seu orixá individual, é uma parte daquele Xangô divinizado com todas as características ou, como chamam, arquétipo.

Existe muita discussão sobre o assunto: uns dizem que o Orixá pessoal é uma manifestação de dentro para fora do Eu de cada um, ligado ao orixá divinizado. Outros dizem ser uma incorporação, mas é rejeitada por muitos membros do

candomblé, que justificam que nem o culto aos Egungun é de incorporação e sim de materialização. Espíritos (Eguns) são despachados (afastados) antes de toda cerimônia ou iniciação do candomblé.

DICIONÁRIO DOS RITUAIS AFRO-BRASILEIROS

A

AAJA — Sineta de metal composta de uma, duas ou mais campainhas utilizadas por pais de santo para incentivar o transe. Também chamado Adjarin.

ABAÇAI — Espírito maligno.

ABADÁ — Vestido largo para homens, atingindo o tornozelo. É aberto dos lados e pode ter bordados no pescoço e no peito.

ABALUAÊ — Consulte orixá Xapanã.

ABARA — Consulte comidas africanas.

ABARÉ — Médiun desenvolvido.

ABARÉ-GUASSU — Balalaô.

ABATI — Vinho de minho.

ABERÉM — Consulte comidas africanas.

ABIÃ — Posição inferior da escala hierárquica dos candomblés ocupada pelo candidato antes do seu noviciado; em yorubá significa "aquele que vai nascer".

ABORÉ — Babalaô idoso.

ABORÔ — Denominação genérica dos orixá masculinos, por oposição as iabás, que são as divindades femininas.

ABROTANO — Usada como incenso nas evocações.

ABSINTO — Para afugentar espíritos.

ABUTIUM — Licor de milho fermentado.

ACARÁ — Pedacos de algodão embebidos em azeite de dendê em chamas que em certas ocasiões, hoje raras, devem ser engolidos como prova de transe verdadeiro.

ACARAJÉ — Consulte comidas africanas.

ACASSÁ DE FUBÁ — Consulte comidas africanas.

ACOSTAR — Incorporar.

ADAHUN — Tipo de ritmo acelerado e contínuo executado nos atabaques e agogós. É empregado, sobretudo, nos ritos de possessão como que para invocar os orisa.

ADE — Termo com que se designam (nos candomblés) em especial os efeminados e, genericamente, os homossexuais masculinos.

ADÓSUU — Diz-se daquele que teve o osuu assentado sobre a cabeça. O mesmo que iaô.

ADRO — Cemitério da igreja.

ADUFE — Pequeno tambor. Instrumento de percussão de uso mais frequente nos xangôs no Nordeste.

AFAN — Búzios.

AFIN — O mesmo que ifin. Designa a noz-de-cola branca, na língua yorubá; por extensão a cor branca (consulte efun).

AFOXÉ — Dança do ritual.

AFURÁ — Consulte comidas africanas.

AGAMUM — Sacrifício de crianças.

AGBÉ — Consulte comidas africanas.

AGBO — Infusão proveniente do maceramento das folhas sagradas às quais se juntam o sangue dos animais utilizados no sacrifício e substâncias minerais como o sal. Esse líquido, acondicionado em grandes vasilhames de barro (porrões), é

empregado ao longo do processo de iniciação e para fins medicinais sob a forma de banhos e beberagens.

AGE — Instrumento musical constituído por uma cabaça envolta numa malha de fios de contas, de sementes ou búzios.

AGÊ-CHALUNGÁ — Consulte divindades.

AGERE — Ritmo dedicado a Osóosi executado aos atabaques.

AGÉ-XALUNGÁ — Deus da saúde.

AGO — Pedido de licença.

AGOGO — Instrumento musical composto de uma ou mais campânulas, geralmente de ferro, percutido por uma haste de metal.

AGONJÚ — Um dos doze nomes de Songó conhecidos no Brasil.

AGUXÓ — Consulte comidas africanas.

AIACÔ — Mãe da noite.

AIOIY — Vinho de aipim.

AIYÉ — Palavra de origem yorubá que designa o mundo, a terra, o tempo de vida e, mais amplamente, a dimensão cosmológica da existência individualizada por oposição a orun, dimensão da existência genérica e mundo habitado pelos orisa, povoado, ainda, pelos espíritos dos fiéis e seus ancestrais ilustres.

ÂJALÁ — Consulte Oosaálá

AJALAMO — Consulte Oosaálá

AJOGÚN — Palavra de origem yorubá que designa os infortúnios, como a morte, a doença, a dor intolerável e a sujeição.

AKASA — Bolinhos de massa fina de milho ou farinha de arroz cozidos em ponto de gelatina e envoltos, ainda quentes, em pedacinhos de folha de bananeira.
(Acaçá)

AKIDAVIS — Nome dado nos candomblés Kétu e Jeje às baquetas feitas de pedaços de galhos de goiabeiras ou araçazeiros, que servem para percutir os atabaques.

ALÁ — Pano branco usado ritualmente como pálio para dignificar os Orixás primordiais geralmente feitos de morim. Também um grande pano branco que se abre no meio da roda no momento em que se começa a cantar para Oxalá.

ALABÊ — Título que designa o chefe da orquestra dos atabaques encarregado de entoar os cânticos das distintas divindades ou o chefe dos músicos nos terreiros

ALAMORERE — Consulte Oosaálá.

ALÉKESSI — Planta dedicada a Osóosi. Também conhecida como São Gonçalinho — Casaína silvestre, SW. F LACOURTIACEAE.

ALFAZEMA — Limpa ambiente.

ALGUIDAR — Vasilha de barro, onde são servidas as comidas de santo e feito os assentamentos.

ALIASE — Consulte runko.

ALOUIXÁ — Mãe de santo.

ALUÁ — Aguardente composta.

ALUJÁ — Toque rápido de Xangô, em que os Orixás dançam somente com um pé.

AMACIS (ou AMASSIS) — Abluções rituais ou banhos purificatórios feitos com o líquido resultante da maceração de folhas frescas. Entram geralmente em sua composição as folhas votivas do orixá do chefe de terreiro do iniciando, e as assim chamadas "folhas de nação".

AMALÁ — Consulte comidas africanas.

AMANACI — Mãe da chuva.

AMBROZÔ — Consulte comidas africanas.

ANAAAN — Diabo.

ANGOLA — Consulte Nação.

ANGOMBAS — Consulte Atabaques.

ANHANGÁ — Deus da peste.

ANHANGÁ — Deus do mal.

ANIL — Consulte Waji.

ANIMAIS DE SACRIFICIO: EXU — Boi preto, bode preto e galo preto.

OXALÁ — Novilho branco. **XANGÔ** — Boi avermelhado, cágado e galo avermelhado. **OXOSSE** — Cabrito avermelhado, galo avermelhado, galo carijó.

OGUM — Boi avermelhado, cabrito avermelhado, galo avermelhado. **XAPAÑA** (tanto para Omulu, como para Abaluaiê) — Cabrito preto, ou branco e preto, galo-d'angola.

NANÁ-BURUQUÊ — Cabra branca, galinha branca, galinha-d'angola.

OXUM — Cabra amarelada, galinha amarelada. **IEMANJÁ** — Cabra branca, galinha branca, pata branca, gansa branca. **IANSÃ** — Cabra avermelhada, galinha avermelhada.

OXUM-MARÉ — Mesmo que Oxum e Iemanjá. **OSSÃE** — Cabra avermelhada e galinha avermelhada.

AQUIQUI — Aguardante de arroz.

ARREBATE — Abertura rítmica das cerimônias públicas dos candomblés. O modo vibrante de tocar os atabaques; equivale a uma convocação.

ASE — Termo de múltiplas acepções no universo dos cultos: designa principalmente o poder e a força vital. Além disso, refere-se ao local sagrado da fundação do terreiro, tanto quanto a determinadas porções dos animais sacrificiais, bem como ao lugar de recolhimento dos neófitos. É usado ainda para designar na sua totalidade a casa de santo e a sua linhagem.

ASSENTAMENTO — Objetos ou elementos da natureza (pedra, árvore, etc.) cuja substância e configuração abrigam a força dinâmica de uma divindade.

Consagrados, são depositados em recintos apropriados de uma casa de santo. A centralidade do conjunto é dada por um ota, pedra-fetichê do oriisa.

ATÁ — Fogo.

ATABAQUES — Trio de instrumentos de percussão semelhantes a tambores que orquestram os ritos de candomblé. Apresentam-se em registro grave, médio e agudo, sendo chamados respectivamente Rum, Rumpi e Lé (ou Runlé). Nos candomblés angola são chamados de Angombas. Sua utilização no âmbito das cerimônias cabe a especialistas rituais.

AXÉ — Força, poder, aquilo que se tem de melhor.

AXERÊ — Estado intermediário entre o transe e o estado normal do médium, quando os médiuns incorporados agem como se fossem crianças.

AXEXÉ — Cerimônia fúnebre em honra dos adeptos da seita.

AXÓ — Roupas usadas nos rituais (festas).

AXOGUM —

AXOGUN — Executor de matança, o importante especialista ritual encarregado de sacrificar, segundo regras precisas, animais destinados ao consumo votivo.

B

BABÁ — Pai.

BABAÇUÉS — Consulte Candomblés.

BABALAÔ — Pai de santo.

BABÁLÁWO — Sacerdote encarregado dos procedimentos divinatórios mediante o opele de Ifá, ou rosário-de-Ifá.

BABALORIXÁ — Sacerdote chefe de uma casa de santo. Grau hierárquico mais elevado do corpo sacerdotal, a quem cabe a distribuição de todas as funções especializadas do culto. É o mediador por excelência entre os homens e os orisa. O equivalente feminino é denominado ialorixá. Na linguagem popular, são consagrados os termos pai e mãe de santo. Nos candomblés jeje — doté e vodunô; e nos angola — tata de inkice. O chefe do terreiro, zelador dos Orixás.

BABALOSSAIN — Consulte Olossain.

BACURO — Guia.

BADE — Xangô.

BADOFÉ — Consulte comidas africanas.

BAGOYON — Feiticeiro.

BALÉ — É a casa dos mortos, fica situada do lado de fora do Terreiro.

BALIBÉ — Amuleto de pescador.

BAMBU — Usado como defumador contra as perseguições.

BANHA-DE-ORI — Espécie de gordura vegetal obtida pelo processamento das amêndoas do fruto de uma árvore africana que é vendida nos mercados brasileiros para uso ritual nas casas de santo. Diz-se também "banha-de-Oxalá" e "limo-da-

costa". A mesma denominação é dada a gordura de origem animal extraída do carneiro.

BANHOS — Consulte Agbo e Amacis.

BANHOS DE DESCARREGO: OGUM — Espada-de-são-jorge, levante, guiné, arruda-macho e fêmea, cipó-cabeludo, folha de coqueiro, folhas de araçá.

IEMANJA — Rosas brancas, cravos brancos, aguapé, hortelã, manjeriço, alfazema, jasmim, flores de laranjeira, lírios, angélicas, palma-de-são-jorge branca, guiné (flor branca), hortênsias brancas, manjerona, alecrim, orquidea branca.

XANGÔ — Espada-de-são-jorge (barra amarela), comigo-ninguém-pode, quebratudo, levante, guiné, arruda-macho e fêmea, cipó-ferro, camboim. **OXUM** — Arruda-macho e fêmea, guiné, manjeriço, espada-de-são-jorge, aguapé, lírio branco, jasmim.

BARCO — Termo que designa o grupo dos que se iniciam em conjunto. Suas dimensões são variáveis. Há barcos de mais de vinte neófitos e "barcos-de-um-só". Através do barco se consegue a primeira hierarquização dos seus membros na carreira iniciática. Como unidade de iniciação gera obrigações e precedências imperativas entre os irmãos de barco ou irmãos de esteira.

BARRACÃO — Consulte Casa de santo.

BATETÉ — Inhame cru, sal e azeite de dendê.

BATUCAJÉ — Com este termo costumava designar-se a percussão que acompanha as danças nos terreiros; por extensão designa também as danças.

BATUQUES — Consulte Batucajé e Candomblés.

BERUNDANGA — Feitiço.

BETÔNICA — Contra enfeitiçamentos.

BIDÓ — Bolo de mandioca.

BILONGO — Amuleto dos caçadores.

BOBÓ — Inhame cozido e mel de abelha. Veja também em comidas africanas.

BOMBOJIRA — Consulte Esu.

BOM-FLORAL — Mestre casamenteiro, trabalha pelas moças que procuram marido.

BORÍ — Ritual que, juntamente com a lavagem de contas, abre o ciclo iniciático. Fora deste ciclo, rito terapêutico. Em ambos os casos, consiste em "dar de comer e beber a cabeça".

BROKALI — Gênio dos oráculos.

BÚZIOS — Pequena concha usada para consultar os Orixás. Usada também nos rituais para ligar o Orixá a cabeça do filho. (Jogo de Búzios: prática adivinhatória com o emprego dos búzios). Tipos de conchas de uso recorrente na vida cerimonial dos candomblés. Especialmente servem as práticas do dilogun — sistema divinatório onde são empregados geralmente dezesseis búzios.

C

CABAÇA — Fruto do cabaceiro (*Cucurbita lagenaria* L., ou *Lagenaria vulgaris* — cucurbitácea, e outras espécies). Sua carcaça é frequentemente utilizada nos cultos afro-brasileiros como utensílio, instrumento musical insígnia de oriisa ou mesmo para representar a união de Obatalá e Oduduwa (o Céu e a Terra).

CABINDA — Região Africana.

CABLOCO — Espírito da mata muito querido nos terreiros de umbanda.

CABOCLOS — Espíritos ancestrais cultuados nos candomblés de angola, de caboclos e na umbanda. São representados, geralmente, como índios do Brasil ou de terreiros da África mítica.

CAFOFO — Sepultura.

CALUNGA — Cemitério.

CAMARINHA — Consulte Runko.

CAMBONDO — Tocador de tambor nos rituais.

CAMBONO — Auxiliar de médium.

CANDOMBLÉ — Dança religiosa, de origem africana, na qual os iniciados reverenciam os orixás. Passou a designar o culto dos orixás.

CANDOMBLÉS — Designação genérica dos cultos afro-brasileiros. Costumam, no entanto, distinguir-se pelas suas designações regionais: candomblés (leste-setentrional, especialmente Bahia), xangôs (nordeste oriental, especialmente Pernambuco), tambores (nordeste ocidental, especialmente São Luís do Maranhão), candomblés de caboclo (faixa litorânea, da Bahia ao Maranhão), catimbós (Nordeste), batuques ou parás (região meridional, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná), batuques e babaçuês (região setentrional, Amazonas, Pará e Maranhão), macumba (Rio de Janeiro e São Paulo).

CANDOMBLÉS-DE-CABOCLO — Consulte Caboclo e Candomblés.

CARAMURU — Deus dos trovões.

CARURU — Qualquer verdura cozida com camarão e azeite de dendê. Consulte comidas africanas.

CASA-DE-SANTO — Designação do espaço circunscrito que constitui a sede de um grupo de culto. Costuma chamar-se também de ilé (kétu), roga e terreiro (angola) e, em alguns casos, barracão. Este último termo serve também para designar o recinto onde ocorrem as festas públicas.

CATIMBÓ — Antiga arte de feitiçaria secreta praticada no nordeste do Brasil. Consulte Candomblés.

CAUIM — Aguardente.

CAURIS — Consulte Búzios.

CAVALO — Médiun de terreiro.

CAVÔ — Despacho.

CAXIXI — Chocalho de cabaça e de vime trançado, contendo sementes ou seixos. Em alguns casos, vasilhames rituais em miniatura.

CESTO-DA-CRIAÇÃO — O saco de existência (apo aiyé), que, na cosmologia do povo de santo, Olódumare deu a Obatalá para que criasse o mundo a flor das águas primordiais. Foi, no entanto, Oduduwa quem verteu o seu conteúdo sobre a superfície das águas.

CHURUMANGUNGO — Espírito atrasado.

CLEIDOMANCIA — Adivinhação através das chaves.

COMIDAS AFRICANAS: ABARÁ — Bolinhos de feijão fradinho, pimenta e temperos, fritos no azeite de dendê. **ABERÉM** — Fubá de milho com açúcar.

ACAÇA DE FUBA — Fubá de milho, sal, água e azeite de dendê. **ACARAJÉ** — O mesmo que Abará. **AFURÁ** — Bolo de arroz e açúcar. **AGBÉ** — Caruru de

folhas. **AGUXO** — Sopa de legumes. **AMALÁ** — Comida de Xangô que pode ser feita de várias formas: com farinha de mandioca, carne de peito de gado e mostarda; também quiabo, camarão, cheiro-verde e azeite de dendê e ainda feito com quiabo cortado, cebola ralada, pó de camarão, sal, azeite de dendê. **AMBROZÓ** — Farinha de milho e açúcar. **BADOFÉ** — Camarão cozido no azeite de dendê. **BATETÉ** — Inhame cru, sal e azeite de dendê. **BOBÓ** — Inhame cozido e mel de abelha. **CARURU** — Qualquer verdura cozida com camarão e azeite de dendê. **DENGUÊ** — Mingau de milho branco e arroz. **ECÔ** — Mingau de rapadura de milho. **ECURO** — Farofinha de água e sal. **EFUM-OGUDÊ** — Farofa de banana seca. **IBEGUIRI** — Quiabo com peito seco, camarão e azeite de dendê. **MI-AMI-AMI** — Farofa de azeite de dendê. **OMOLUCUM** — Bolo de feijão fradinho, ovos e azeite de dendê. **OXINXIN** — Carne fresca temperada com camarão e azeite de dendê. **PATERÉ** — Bofe temperado e cozido. **PETÊ** — Bolo de inhame. **UADO** — Pipoca torrada e azeite de dendê. **VATAPÁ** — Fubá de arroz não dormido, leite de coco e demais temperos. **XINXIM** — Galinha com azeite de dendê.

COMIDAS DOS ORIXÁS: **EXU** — Bife passado no azeite de dendê, farofa amarela, farofa branca, cachaça. **OXALÁ** — Arroz co mel de abelha, canjica de milho branco com mel de abelha, coberto com algodão, claras de ovos cozidos, inhame cozido com mel de abelha. **XANGÔ** — Amalá, rabada com quiabo, carne moída com quiabo. **OGUM** — Bife de boi acebolado, feijão-fradinho com azeite de dendê, feijão-cavalo e feijão-preto cozido. **OXOSSE** — Papa de milho, milho cozido em espigas, milho vermelho com abóbora-moranga cozida inteira e coco cortado em fatias com mel de abelha. **XAPANÃ** — (tanto para Omulu como para Abaluaié) — Pipoca passada no azeite de dendê e farinha de pipoca. **NANÃ-BURUQUE** — Canjica, feijão-branco cozido e enfeitado com camarão de água

doce, peixe e farinha de milho. **OXUM** — Ovos cozidos, feijão-fradinho cozido, fios de ovos, banana-sãotomé frita, azeite de dendê com farinha de banana-sãotomé. **IEMANJÁ** — Feijão-branco cozido e guarnecido com camarões do mar, peixes de escamas guarnecidos com camarões, pato branco, creme de arroz adoçado e leite. **IANSÃ** — Acarajé. **OXUM-MARÉ** — As mesmas comidas de Iemanjá e Oxum. **OSSÃE** — As mesmas comidas de Oxosse. **ERÉ(IBEJI)** — Caruru, todas as espécies de guloseimas e frutas. **IFÁ** — As mesmas do orixá do babalaó.

CONGÁ — Templo de assentamento dos orixás.

CONGO — Consulte Nação.

CONTRA-EGUN — Trança de palha-da-costa que os neófitos trazem amarrada nos dois braços, logo abaixo do ombro, com a finalidade de afastar os espíritos dos mortos.

D

DADÁ — Deus dos vegetais.

DAN — Serpente sagrada (Daomé — Benin) representando a eternidade e a mobilidade sob a figura de uma cobra que engole a própria cauda. Genericamente designa os filhos de santo da nação jeje; encontrando-se sincretizada com Osumare e Besen.

DANDALUNDA — Consulte Yemoja.

DEFUMAÇÕES DE DESCARREGO: OXALÁ — Espada-de-são-jorge, comum e amarela, levante, guiné, arruda-macho e fêmea, manjericão, sementes de girassol, folhas de laranjeiras, de limoeiro, palma-de-são-jorge, palmas-de-ramos, folha de coqueiro. **IEMANJÁ** — Manjericão, guiné, alecrim, hortelã, folhas de roseira, espada-de-são-jorge amarela, arruda-macho. **XANGÔ** — Espada-de-são-jorge (amarela e verde), palma-de-santa-bárbara, guiné, levante, arruda-macho e fêmea, quebra-tudo, comigo-ninguém-pode.

DEFUMADOR — Composto de essências aromáticas, folhas e cascas, usado ritualmente em fumigações propiciatórias e terapêuticas.

DENDÊ — Palmeira africana aclimatada no Brasil (*Elaeis guineensis*; Jacq.) de ampla utilização na liturgia dos candomblés. O óleo obtido dos seus frutos (azeite de dendê) é considerado indispensável para a elaboração de grande parte das comidas de santo. Suas folhas servem para guarnecer entradas e saídas das casas de santo.

DENGUE — Mingau de milho branco e arroz.

DESPACHO — Tipo de oferenda dedicada a Esu, quer no início das cerimônias, quer nas encruzilhadas, nos matos, rios e cemitérios.

DIA-DO-NOME — Consulte Orúko.

DIJINA — Nome iniciático dos filhos de santo dos candomblés de nação angola.

DILOGUN (Érin dínlógun) — Nome dado à adivinhação com búzios que podem ser de 4 a 36 (mais comumente 16). Nesse jogo de Ifá as respostas ao oráculo são dadas por Esu.

DINVIDADES: AGÉ-XALUNGÁ — Deus da saúde. **ANHANGÁ** — Deus da peste. **CARAMURU** — Deus dos trovões. **DADÁ** — Deus dos vegetais. **ELEBÁ** — Gênio dos vegetais. **IBEJI** — Vibrações de crianças. **IARA** — Deusa e mãe da água. **OLOXÁ** — Deus dos lagos. **OKÓ** — Deus da agricultura. **OBÁ** — Deus do amor. **OLOCUM** — Deus do mar. **RUDÁ** — Deus do amor. **TUPÃ** — Deus do fogo. **XALUNGA** — Deus da riqueza.

DÓBÁLE — Cumprimento prescrito aos iniciados de orixá femininos diante dos lugares consagrados ao culto, pai ou mãe de santo, orixá e graus hierárquicos elevados. O termo iká designa o seu correspondente para o caso de filhos de santo de brisa masculinos.

E

EBÓ — Despacho, Sacrifício ou oferenda a um Orixá. Comida feita com farinha de mandioca, que é servida nas festas. Usa-se também trabalho, despacho e, as vezes, feitiço.

EBÔMIN — Pessoa veterana no culto; título adquirido após a obrigação de sete anos. Opõe-se a iaô, sendo equivalente a vodunci.

ECÔ — Mingau de rapadura de milho.

ECURO — Farofinha de água e sal.

EEWO — Consulte Quizila.

EFUM-OGUDÊ — Farofa de banana seca.

EFUN — Nome dado a argila branca com que são pintados os neófitos. Essa pintura corresponde ao que se chama de "mão de efun". Como sinônimo de efun ocorre, também, afin.

EGUM — Espírito dos mortos, espírito desencarnado, obsessor.

EGÚN — Nome genérico dos espíritos dos mortos.

EGÚNGÚN — Espíritos dos ancestrais, cultuados especialmente em terreiros situados na Ilha de Itaparica, na Bahia.

EKÉ — Mentira.

ELEBÁ — Gênio dos vegetais.

ELEDÁ — Anjo da guarda, divindade protetora da pessoa.

ELÉEBO — Aquele em nome do qual se faz o sacrifício ou oferenda.

ELIANG — Culto de adoração do sangue.

ENI — Nome dado a esteira de palha utilizada pelos neófitos, sobretudo durante o período de reclusão. É empregada como "mesa", "cama" e "tapete" em distintos ritos. No candomblé é usual a expressão "irmãos de esteira" para designar o

conjunto de neófitos reclusos ao mesmo tempo, e que eventualmente tenham partilhado esse artefato simbólico na liturgia da iniciação.

EPÔ — Azeite de dendê.

EQUÉDE — Cargo honorífico circunscrito às mulheres que servem os orixá sem, entretanto, serem por eles possuídos. É o equivalente feminino de ogã:

ERÉ — Termo que caracteriza um estágio de transe atribuído a um espírito-criança.

ERÉ(IBEJI) — Caruru, todas as espécies de guloseimas e frutas.

ESPIRITOS FEITICEIROS: REI HEROM — Curandeiro de pele e feridas.

MESTRE CARLOS — Rei dos mestres catimboeiros, beberão, estrábico e ciumento; faz trabalhos para qualquer coisa. **BOM-FLORAL** — Mestre casamenteiro, trabalha pelas moças que procuram marido. **MESTRE**

XARAMUNDI — Curador e rezador, trabalha com plantas e fumaça de cachimbo.

TARUATÁ — Velho pajé da Amazônia, excelente curandeiro. **MESTRE**

PEQUENO — Curandeiro, rezador e fazedor de poderosos amuletos. **MESTRE**

MANOEL CADETE — Tem uma grande corte de mestres que o segue, entre eles vários curandeiros. **MESTRA ANGÉLICA** — Curandeira de doenças femininas e parteira. **MANICORÉ** — Pajé amazônico, chamado só em caso de feridas brabas e doenças difíceis. **MESTREITAPUÁ** — Pajé amazônico, trata de casos desesperados e complicados. **TABATINGA** — Rei dos feiticeiros, indígena sumamente perverso, trabalha só para o mal. É tão temido nos catimbós que, quando o sentem se aproximar, fazem rezas para não deixá-lo incorporar. **PAI**

JOAQUIM — Preto-velho que veio da Índia, trabalha com agulha enfeitiçada nos olhos de morcego. **ZINHO** — Feiticeiro, trabalha só com um cachimbo enorme, tanto para o bem como para o mal.

ESSA — Espíritos de ancestrais ilustres do candomblé.

ESTEIRA — Consulte Eni.

ESU — Primogênito da criação. Também conhecido como Elégbára (jeje) é popularmente referido como compadre ou homem da rua. Suscetível, irritadiço, violento, malicioso, vaidoso e grosseiro. Dizem que provoca as calamidades publicas e privadas, os desentendimentos e as brigas. Mensageiro dos' orixá e portador das oferendas. Guardião dos mercados, templos, casas e cidades. Ensinou aos homens a arte divinatória. Costuma-se sincretizá-lo com o diabo. Ocorre tanto em representações masculinas como femininas. Nas casas angola é Bombogira; nas casas angola-congo é (Exúlonã). Na umbanda tem múltiplas personagens, entre elas, Pomba-gira. Suas cores são o vermelho e o preto. Saudação — "Laró ye!".

ETÉ — Praga.

F

FAMÍLIA-DE-SANTO — Termo de referencia que designa os laços de parentesco místico nos quais incorre o filho de santo em virtude da iniciação.

FECHAMENTO — Ritual mágico executado de diferentes maneiras, nas várias linhas religiosas, com a finalidade de proteger a pessoa contra mandingas, tiros ou possíveis outras desgraças.

FEITO — O mesmo que adósuu e iaô.

FEITURA — Processo de iniciação que implica em reclusão, catulagem, raspagem, pintura, instrução esotérica, imposição do osuu e apresentação pública orúko.

FERRAMENTAS DOS ORIXÁS: EXU — Tridente, punhais, pólvora; usa como feitiço um tronco. **OXALÁ** — Poxoró, pilão de prata, espadas em metal prateado.

XANGÔ — Machado alado e corisco. **OGUM** — Suporte com as miniaturas de: espada, lança, foice, faca, enxada, pá, alicate. **OXOSSE** — Miniatura de arco e flecha ou até miniatura de espingarda. **XAPANÃ** — Para Omulu: cetro de palha de costa trançada e recoberto com miçangas brancas, pretas, vermelhas, e búzios. Para Abaluaê: cetro com emblemas num circulo montado num pedestal. **NANÃ-BURUQUÊ** — Leque em forma de pixé e vassoura de palha da costa forrada de roxo claro e enfeitada com búzios. **OXUM** — Peixe, lua, estrela e coração (de metal); leque de folha de flandres amareladas, com estrela ou rosa no centro. **IEMANJA** — Leque, peixe, meia-lua com uma estrela numa das pontas, e espada de alumínio. **OSSÃE** — Vara rematada com sete flechas, com um pássaro e moedas. **OXUM-MARÉ** — Ferro com três pontas, tendo na parte central uma cobra enrolada. **IFÁ** — Búzios, obi, orobó (frutas africanas), guias em miniatura de todos os orixás e exu em miniatura.

FILHO DE SANTO — Diz-se de todo aquele que é afiliado ao candomblé.

FILHO-PEQUENO — Termo de parentesco místico que se refere a um laço interposto pela iniciação entre um noviço e seu padrinho, gerando obrigações e deveres semelhantes aos do compadrio.

FIRMA — Fecho de colar de forma cilíndrica. Suas cores indicam a vinculação de seu portador a um determinado orisa.

FÓN — Consulte Jeje e Nação.

G

GANZÁ — Instrumento musical de percussão, semelhante a um chocalho, geralmente de folha de flandres e forma cilíndrica, contendo em seu interior pedaços de chumbo ou seixos.

GU — Amuleto dos ferreiros.

GUJÉ — Terreiro.

H

HAMUNYIA — Cadencia executada pelos atabaques e agogôs que capitula a estrutura dos diferentes toques que marcam o siré. Mais conhecida por Avamunha.

HÉCATE — Deusa da maldade.

HEVIESSO — Deus do raio.

I

IABÁ — Consulte Aborô.

IABAIM — Deusa da varíola.

IÁBASSÉ — Especialista ritual encarregada do preparo das comidas votivas dos orisa.

IÁ-EFUN — Especialista ritual encarregada das pinturas corporais durante o período de iniciação. Embora esse título honorífico signifique literalmente "mãe do efun", o ofício litúrgico não se limita as pinturas com o pigmento branco (efun). São também empregados: wájí e osun, respectivamente as cores azul e vermelho.

IÁLAXÉ — Título honorífico geralmente ostentado pela própria mãe de santo, significando "mãe do axé" ou "zeladora do axé".

IALORIXÁ — Consulte Babalorixá.

IANSÃ — Manifestação do movimento, é o orixá dos ventos. Comanda os Eguns.

IANSÃ — Consulte orixás.

IAÔ — Termo que designa o noviço após a fase ritual da reclusão iniciatória. Em yorubá significa "esposa mais jovem".

IARA — Deusa e mãe da água.

IBEGUIRI — Quiabo com peito seco, camarão e azeite de dendê.

IBEJI — Vibrações de crianças.

IBIBOCA — Cobra-coral.

IEMANJÁ — Manifestação da procriação, da restauração, das emoções, é o orixá das águas salgadas. Consulte orixás.

IFÁ — Deus dos oráculos e da adivinhação. Senhor do destino. Há quem afirme ser sua representação a cabaça envolvida por uma trama de fios de búzios. Sua cor é o branco. Seu dia é a quinta-feira. Conhecido também como Orúnmila, "somente

o céu sabe quem será salvo". Saudação — "Eepaababá". Nunca incorpora, atua sobre o babalaô, transmitindo-lhe imagens oraculares, através do jogo de búzios. Consulte orixás.

IGBÁ ODU — Expressão yorubá que designa a cabaça ou o artefato litúrgico que contém no seu interior os elementos simbólicos e as substancias que tornam possível a existência individualizada.

IGBÁ-ORÍ — Expressão yorubá que designa, no rito do borí, o recipiente em que vão sendo depositadas as substancias constitutivas e reveladoras da identidade do sacrificante. Literalmente significa "cabaça da cabeça". Na liturgia dos candomblés é frequentemente utilizada a forma ibá, com o mesmo sentido.

IGBÍN — Cadência rítmica lenta executada pela orquestra cerimonial em louvor a Oosaálá. O termo designa também o molusco gasterópode terrestre, com concha univalva, corpo prolongado e tentáculos na cabeça. E o caracol também conhecido como "o boi de Oosaálá" e sua oferenda predileta. Na linguagem corrente dos candomblés é usual a forma ibí.

IJESÃ — Consulte Nação.

IKÁ — Consulte Dobálé.

IKÓODÍDE — Pena vermelha do papagaio da costa (*Psittacus eritacus*, sp.). Simboliza o nascimento do novo filho de santo e, de um modo geral, a fecundidade.

ILÉ — Consulte Casa de santo.

ILÉ-ORISA — Expressão yorubá que designa a dependência de uma casa de santo onde se encontram depositadas as diferentes insígnias e objetos que compõem a representação emblemática de cada um dos orisa. É também conhecida a forma "quarto de santo" ou "casa do santo".

INKICE — Consulte Orisa.

IRMÃO-DE-AXÉ — Termo de referência que designa a relação de parentesco místico entre os membros de uma mesma casa de santo. Diz-se, também, irmão de santo.

IRMÃO-DE-BARCO — Consulte Barco.

IRMÃO-DE-ESTEIRA — Consulte Eni.

IURUPARI — Consulte orixás.

IYÁ EGBÉ — Título honorífico importante na hierarquia dos terreiros que distingue sua portadora como "mãe da comunidade".

IYÁSAN — Divindade das tempestades e do Rio Niger, mulher de Ogún, e, depois, de Songó. Relacionada com os vendavais, os raios e os trovões. Sincretizada com Santa Bárbara. Seu dia da semana é a quarta-feira. Suas insígnias são a espada e o espanta-moscas de crinas de cavalo. Suas cores são o vermelho escuro e o marrom. Considerada a mãe dos egún, que é a única a dominar. Saudação — "Eparrei!"

J

JAMAMBURI — Ogum.

JEJE — Consulte Nação e Fón.

JELÚ — Um dos nomes pelos quais é conhecido Esu Ajelú ou Ijelú.

JUREMA — Cabocla.

JURUPARI — Gênio do mal.

K

KERPIMANHA — Deusa dos sonhos.

KÉTU — Consulte Nação.

KUSSÉ — Deus da terra.

L

LARA — Deusa dos silêncio.

LAVAGEM-DE-CONTAS — Rito de agregação que consiste em lustrar os colares sagrados. Esse ritual marca o aparecimento do postulante como abiã, vinculando-o a estrutura hierárquica de uma casa de santo.

LAVAGENS — Termo genérico pelo qual são designados os ritos Iustrais dos candomblés. Esses ritos purificatórios podem ser exercitados sobre os colares cerimoniais, as pedras (otá) consagradas aos orisa, e nos templos. A mais tradicional manifestação pública dessa cerimônia é realizada na Igreja de N. S. do Bonfim, na Bahia.

LILITH — Exu feminino.

LINHA DE MALEI — Chefe: Exu Rei.

LINHA DE MOSSORUBI — Chefe: Kaminaloá.

LINHA DE NAGÔ — Chefe: Gererê.

LINHA DOS CABLOCOS: QUIMBANDEIROS — Chefe: Pantera Negra.

LINHA DOS CEMITÉRIOS — Chefe: Omulu Megé. **LINHA DE MALEI** — Chefe: Exu Rei. **LINHA DE MOSSORUBI** — Chefe: Kaminaloá. **LINHA MISTA** — Chefe: Exu das Campinas.

LOGÚN EDE — Divindade yorubá considerada no Brasil filho de Ibualama ou Inle (Osóosi) e Osun Yéyéponda. Homem durante seis meses, jovem e caçador. Nos outros seis, mulher, bela ninfa que só come peixes. Suas insígnias são o ofa e o leque dourado (abebe) de Osun. Suas cores são o azul e o amarelo-ouro translúcido. Seu dia da semana é quinta-feira. Saudação — "Lóogún!"

M

MACUMBAS — Consulte Candomblés.

MÃE-CRIADEIRA — Termo de referência que designa a ebômin encarregada de atender o noviço durante o seu período de reclusão. É a responsável pelo preparo e administração dos alimentos; higiene pessoal; guarda-roupa e instrução do neófito nos mistérios do culto. Por isso, diz-se que "cria" aquele que está sendo iniciado.

MÃE DE SANTO — Consulte Babalorixá.

MÃE-PEQUENA — Título honorífico feminino que corresponde a segunda pessoa na ordem hierárquica de uma casa de santo. Também ocorre a forma ia-kekerê. Seu equivalente masculino é pai-pequeno. Diz-se, também, mãe ou pai-pequeno daquele que, ao lado da mãe ou pai de santo, encarrega-se da formação do iaô.

MAKUTÓ — Deusa da magia.

MALEME — Perdão, desculpa.

MANGINGA — Feitiço.

MANICORÉ — Pajé amazônico, chamado só em caso de feridas brabas e doenças difíceis.

MÃO DE IFÁ — Desenvolvimento de dotes parapsicológicos que permitem consultar a ifá, o orixá da adivinhação.

MARAFO — Cachaça.

MARIWO) — As folhas desfiadas do dendezeiro (*Elaeis guyneensis*, A. Cheval, PALMAE) que guarnecem as entradas de uma casa de santo contra os egun, os espíritos dos mortos.

MATAMBA — Consulte Iyásan.

MAWU — Consulte Oosaálá

MESTRA ANGÉLICA — Curandeira de doenças femininas e parteira.

MESTRE CARLOS — Rei dos mestres catimboeiros, beberrão, estrábico e ciumento; faz trabalhos para qualquer coisa.

MESTRE ITAPUÁ — Pajé amazônico, trata de casos desesperados e complicados.

MESTRE MANOEL CADETE — Tem uma grande corte de mestres que o segue, entre eles vários curandeiros.

MESTRE PEQUENO — Curandeiro, rezador e fazedor de poderosos amuletos.

MESTRE XARAMUNDI — Curador e rezador, trabalha com plantas e fumaça de cachimbo.

MI-AMI-AMI — Farofa de azeite de dendê.

MOJÚBA — Louvação endereçada aos ancestrais ilustres, forças da natureza e aos próprios orisa, durante os ofícios litúrgicos.

MUJIBI — Assassino.

MUZENZA — Diz-se dos filhos de santo nos candomblés de "nação" angola. O mesmo que iaô. Por extensão, designa a primeira saída pública do neófito no rito angola. Significa, literalmente, "estranho ser animado", na etimologia da língua kikongo.

N

N. S. DA CONCEIÇÃO — Oxum.

N. S. DA GLÓRIA — Nanã-Buruquê.

NAÇÃO — Designa, no Brasil, os grupos que cultuam divindades provenientes da mesma etnia africana, ou do mesmo subgrupo étnico. Mo exemplos do primeiro caso as "nações" congo, angola, jeje, ao passo que o segundo caso é ilustrado por kétu, ijesa e oyó, correspondentes aos subgrupos da etnia nagô. Trata-se, na verdade, de categorias abrangentes as quais se reduziram as múltiplas etnias que o tráfico negreiro fez representadas no país. O termo tem servido para circunscrever os traços diacríticos através dos quais se revela um mundo caracterizado por um notável conjunto de elementos comuns. Tem servido, além disso, paia hierarquizar esse universo em termos da maior ou menor "pureza" atribuída a cada "nação" em virtude de uma suposta fidelidade e autenticidade litúrgicas.

NANÁ — Divindade das águas primordiais, dos pântanos e brejos. Daí associada quer ao limo fertilizante e a vida, quer a putrefação e a morte. Considerada mãe de Omolú é sincretizada com Sant'Ana. Suas cores são o vermelho, o branco e o azul que exhibe em seus colares. Sua insígnia é o Ibiri — artefato confeccionado com a nervura central das folhas do dendezeiro, de ápice recurvo como um báculo. Seu dia é sábado. Saudação — "Sáluba"

NANÃ-BURUQUE — Canjica, feijão-branco cozido e enfeitado com camarão de água doce, peixe e farinha de milho.

NANÃ-BURUQUÊ — Leque em forma de pixé e vassoura de palha da costa forrada de roxo claro e enfeitada com búzios.

NANÃ-BURUQUÊ — Manifestação da purificação astral, é o orixá da chuva.

NANÃ-BURUQUÊ — Consulte orixás.

NANAMBURUCU — Deusa da chuva.

NATI — Divindade marinha.

NOZ-DE-COLA — Consulte Obi.

O

OBÁ — Deus do amor.

OBÁ — Terceira mulher de Songó, Obá é a deusa nigeriana do rio do mesmo nome. Muitas vezes se confunde com Iyásan, pois, além de casada com Songó, usa também espada de cobre. Na outra mão leva, seja um escudo, seja um leque com o qual esconde uma de suas orelhas em lembrança do episódio mítico que deu margem a sua rivalidade com Osun. No Brasil é sincretizada com Santa Catarina e Santa Joana d'Arc. Seu dia é quarta-feira. Seus colares são de contas alternadamente amarelas e vermelhas de tonalidades leitosas. E saudada como "Obáxireê!"

OBALUÊ — Deus da varíola. É a "forma" jovem de Soponnón, do qual Omolu é a "forma" velha. Divindade da varíola e das moléstias infecto-contagiosas e epidêmicas, consta como filho de Naná, criado por Yemoja, e, portanto, irmão de Osumare. Veste-se todo de palha, com o que cobre as suas ulcerações. Sua saudação — "Atotó!" — significa "Calma!", exigida a um deus tão poderoso e temível. Sua insígnia é o sasara — feixe de nervuras das folhas do dendezeiro, amarrado com tiras de couro, em vermelho e preto (ou branco e preto), incrustadas de búzios. É sincretizado, no Brasil, com São Roque, as vezes, com São Lázaro e ainda com São Sebastião, em Recife.

OBATÁLÁ — Consulte Oosaálá.

OBE — Termo que designa a faca usada nos sacrifícios, por extensão qualquer faca no jargão do candomblé.

OBI — Fruto de uma palmeira africana (*Cola acuminata*, Schott. & Endl. — STER-CULIACEAE) aclimatada no Brasil. Indispensável no candomblé, onde

serve de oferenda para os orixá e é usado nas práticas divinatórias simples, cortado em pedaços. Preparada nos rituais, torna-se poderoso amuleto contra feitiços.

OBORI — Ritual de iniciação ou de reforço. (Dar de comer a cabeça). Oferendas de comidas, flores e presentes para obter diferentes favores dos orixás. (Exemplo: deitar no obori — fechar o corpo contra mandingas ou macumba.)

OBRIGAÇÃO — Consulte Ebo.

OBRIGAÇÃO DE SETE ANOS — É uma das obrigações mais importantes da carreira iniciática. Equivale a um autêntico rito de investidura, a partir do qual, tornando-se ebômin, o filho de santo pode proceder a iniciação de outros.

ODE — Filho de Ogum.

ODU — Pronunciamento oracular resultante da prática divinatória com o opele, com os cocos de dendê ou com os búzios. Há 16 odus primários ou maiores. Suas combinações com os 16 secundários resultam em 256, cujos desdobramentos chegam a 4.096. Cada odu é nominado e pertence a uma divindade.

ODUDUWA — Divindade yorubá, ora apresentada, nos mitos, como masculino e irmão de Obatalá, ora como feminino e, no caso, esposa deste último. Oduduwa significa "a cabaça de onde jorrou a vida". É evocada, no Brasil, em alguns terreiros e, também, no candomblé dos eguns de Itaparica.

ODUNDUN — A folha-da-costa ou saião africano (*Kalanchoe brasiliensis*, Comb.— CRASSULACEAE). Uma das folhas rituais mais importantes dos candomblés.

OFA — Designa o instrumento simbólico de Osóosi, consistindo num arco e flecha unidos em metal branco ou bronze.

OFÁ — Búzio.

OGÃ — Título honorífico conferido, seja pelo chefe do terreiro, seja por um orixá incorporado, aos beneméritos da casa de santo, que contribuam com sua riqueza,

prestígio e poder, para a proteção e o brilho do ase. Esse tipo de titulação admite uma série de especificações que abrangem, desde cargos administrativos, até funções rituais. A iniciação dos ogãs é mais breve e se distingue daquela dos iaôs, por excluir a catulagem, a raspagem e alguns outros rituais. Tal como as equédes os ogãs não são passíveis de transe.

OGODÓ — Mãe da noite.

OGUM — Manifestação da luta, do esforço e da defesa. Consulte orixás.

OGÚN — Divindade da forja e dos usuários do ferro; por extensão, da guerra e da agricultura e, também, da caça ou de todas as demais atividades que envolvem a manipulação de instrumentos de ferro. É rei de Iré e por isso chamado, no Brasil, Oníré. Costuma ser representado por um semicírculo soldado a base por uma haste, no qual se encontram, pendurados no arco do semicírculo, todo o tipo de instrumentos, que, como o conjunto inteiro, são de ferro. É filho de Yemoja e irmão de Esú e Osóosi. Por isso, tem a Consulte com os caminhos, a caça e a pesca. Pertence-lhe a faca sacrificial — o obe. Os colares são de contas verde ou azul-escuro (em angola). Seu dia é a terça-feira. Saudação — "Ogún yé!".

OJU — Olho.

OKÓ — Deus da agricultura.

OLOCUM — Deus do mar.

OLÓDUMARE — Consulte Olóorun.

OLOKUM — Deus do mar.

OLÓOJA — Expressão yorubá que na língua ordinária significa seja o vendedor, seja o dono do mercado. Na cosmologia do povo de santo, a locução dono do mercado equivale a um dos títulos de Esú.

OLÓORUN — Divindade suprema yorubá, criador do céu e da terra. Deus do firmamento. É o Eléeda, "senhor das criaturas vivas"; o eléeémí, "dono da vida";

que criou o homem e a mulher a partir do barro, encarregando seu filho, Obatálá, de moldá-los e animá-los com o sopro vivificante. De caráter inamovível, é o numinoso que permanece fora do alcance dos homens que não lhe podem render culto. Não tem insígnias. Sua cor é o branco absoluto. É também chamado de Olódu-mare.

OLÓRÍ — Termo que designa o "dono da cabeça", isto é, o orixá pessoal de cada iniciado.

OLOSSAIN — Sacerdote encarregado da coleta e da preparação ritual das ervas sagradas na liturgia dos candomblés. O mesmo que babalossain.

OLOXÁ — Deus dos lagos.

OMOLUCUM — Bolo de feijão fradinho, ovos e azeite de dendê.

OMULU — Consulte orixás (Xapaña).

ONDINA — Gênio das águas.

OOSAALÁ — Este é o nome pelo qual se conhece, no Brasil, Obatálá (o Senhor do Pano Branco) e significa "o grande orisa". Filho de Olórun foi encarregado por este de criar o mundo e os homens. Nesta última condição é portador dos títulos de Ajalá, Ajalámo e Alá-morerê. Apresenta-se ora como um jovem guerreiro, simbolizado pelo arrebol — Osoginyón, ora como um velho, curvado ao peso dos anos, simbolizado pelo sol poente — Osolúfón. Suas insígnias, em prata lavrada, são, em consequência, ora a espada e o pilão, ora o opágoro — um bastão com aros superpostos, adornados de pingentes, encimados por um passado (em geral uma pomba) — símbolo do poder. Costuma-se sincretizá-lo com Nosso Senhor do Bonfim. Sua cor heráldica é o branco e seu dia a sexta-feira. A ele se dedica a grande festa popular da "lavagem do Bonfim". Lavagem). Saudação — "Eepaa babá! Eepaa eé!" Consulte Orixás.

OPELE — Colar aberto no qual se encadeiam oito metades de coquinhos de dende, mediante um fio trançado de palha-da-costa. É o instrumento divinatório privativo dos autênticos sacerdotes de Ifá.

ORI — Espécie de banha tirada do fruto da árvore africana "emi" (*Butyrospermum Parkii*).

ORÍ — Termo que designa a cabeça na vida litúrgica dos candomblés. É, além disso, uma divindade doméstica yorubá guardiã do destino e cultuada por adeptos de ambos os sexos. Também se diz que é a alma orgânica.perecível, cuja sede é a cabeça — inteligência, sensibilidade, etc.

ORÍKI — Conjunto de narrativas da saga mística dos orixá que proclamam seus feitos. Ocorre também sob a forma de pequenos enigmas endereçados a uma pessoa como voto de bons augúrios.

ORISA — Qualquer divindade yorubá com exceção de Olórun. Seus equivalentes fón são voduns. A designação das divindades do culto angola-congo que lhe correspondem é inkice. Essas equivalências são imperfeitas, pois, ao passo que uns são forças da natureza, outros são espíritos que retornam sob a representação de animais, enquanto outros ainda são espíritos ancestrais.

ORISANLÁ — É um título de Obatalá, a partir do qual se formou, no Brasil, o nome Oxalá.

ORIXÁ — As forças do Universo.

ORIXÁS — Deuses africanos, no Candomblé: **EXU** — Agente mágico universal; no Candomblé, liga o homem ao orixá. **OXALÁ** — Manifestação cósmica do céu, da terra, da luz, da paz e do amor. Apresenta-se de duas formas: Oxaguiá (nascido do sol) e Oxalufá (pôr-do-sol. **XANGÔ** — Manifestação da justiça, da força e do poder. **OGUM** — Manifestação da luta, do esforço e da defesa. **OXOSSE** — Manifestação do sustento, domina a flora e a fauna. **XAPANÃ** — Manifestação da

transformação, apresenta-se de duas formas: Abaluaiê, que é o início do ciclo; e Omulu, o fim do ciclo e o conseqüente renascimento. **NANÃ-BURUQUÊ** — Manifestação da purificação astral, é o orixá da chuva. **OXUM** — Manifestação do amor, da candura, da pureza, e da bondade. **IEMANJÁ** — Manifestação da procriação, da restauração, das emoções, é o orixá das águas salgadas. **IANSÃ** — Manifestação do movimento, é o orixá dos ventos. Comanda os Eguns. **OSSÃE** — Manifestação da conservação e da preservação, é o orixá das folhagens. **OXUM-MARÉ** — Manifestação do conflito e da união. Identifica-se no arco-íris. **IFÁ** — Orixá da adivinhação. Nunca incorpora, atua sobre o babalaô, transmitindo-lhe imagens oraculares, através do jogo de búzios.

OROBÔ — Fruta africana usada nos rituais, geralmente em dupla com Obi.

ORÓGBÓ — Fava de uma planta africana adaptada no Brasil (Garcinia Kola, Hae-ckel, GUTTIFERAE).

ORÚKO — Expressão yorubá, empregada na liturgia dos candomblés, que significa "qual é o teu nome?". Ocorre na mais expressiva cerimônia pública do candomblé, conhecida como saída de santo, dia do nome, saída de iaô e muzenza.

ORUN — Consulte Aiyé.

ORÚNMÍLA — Consulte Ifá.

OSÓNYNIN — Orisa das folhas litúrgicas e medicinais, imprescindíveis para a realização do culto. Na África é considerado companheiro de Ifá e também adivinho. Seu emblema são sete hastes de ferro pontiagudas, das quais a haste central é encimada por um pássaro. As sete hastes estão soldadas pela base, formando, no seu ápice, um círculo em torno da haste com o pássaro. As cores das contas de seus colares são o verde (ou azul) e o vermelho leitoso. Seu dia é, para alguns, a segunda, e para outros, a quinta-feira. Sua saudação — "Ewé ó!"

OSÓOSI — Filho de Yemoja, irmão de Ogún, companheiro de Esú e Osónyin, este orisa, considerado rei de Kétu, tem o título de ode (o Caçador). No Brasil é sincretizado, seja com São Jorge (na Bahia), seja com São Sebastião (no Rio de Janeiro e Porto Alegre). Seu símbolo é o ofa. O colar votivo é de contas azul-de-viena (azul esverdeado). Saudação — "Oke aró"

OSSÃE — Manifestação da conservação e da preservação, é o orixá das folhagens.

OSSÃE — Vara rematada com sete flechas, com um pássaro e moedas.

OSSÃE — Consulte orixás.

OSUMARE — Costuma ser identificado com o arco-íris e com a serpente. Representa a continuidade, o movimento e a eternidade. No Brasil é considerado irmão de Obalúwaiyé e filho de Naná, possivelmente em virtude de sua origem daomeana. Dele se diz que é o Rei de Jeje. Seu símbolo são as duas cobras que leva nas mãos quando dança, sendo uma masculina e outra feminina, alusão ao seu caráter duplo de macho e fêmea. Dia consagrado: terça-feira. Colares de contas verdes e amarelas listradas. Saudação — "Aróbo bo yí!" Sincretizado com São Bartolomeu.

OSÚN — Divindade das águas, em particular no Rio Osún, na Nigéria. É a segunda esposa de Songó, mas foi casada também com Ogún e Osóosi. Deste último casamento nasceu Logún-ede. Seus símbolos são o leque dourado e a espada. É pois uma iabá que se caracteriza pela coqueteria, gostando de enfeites e joias de ouro (ou cobre amarelo). Tem o título de Ialodê — chefe das mulheres do mercado, sendo sincretizada no Brasil com diversas Nossas Senhoras (da Glória, da Conceição, do Carmo, das Candeias, da Candelária) e com Santa Luzia. Além disso, é a Rainha de Osogbo e Oyó. Seus colares são de contas amarelo-douradas translúcidas. Saudação — "Rora yeyé o!" Seu dia é o sábado.

OSUU — Artefato cônico, confeccionado a partir de substâncias sagradas de origem animal, vegetal e mineral, imposto a cabeça do noviço após as incisões rituais feitas sobre o alto do crânio.

OXALÁ — Manifestação cósmica do céu, da terra, da luz, da paz e do amor. Apresenta-se de duas formas: Oxaguiá (nascer do sol) e Oxalufá (pôr-do-sol). Consulte orixás.

OXINXIN — Carne fresca temperada com camarão e azeite de dendê.

OXOSSE — Manifestação do sustento. Domina a flora e a fauna. Consulte orixás.

OXUM — Manifestação do amor, da candura, da pureza, e da bondade. Consulte orixás.

OXUM-MARÉ — Manifestação do conflito e da união. Identifica-se no arco-íris. Consulte orixás.

P

PADÉ — Rito que é desempenhado no início das cerimônias do candomblé em homenagem a Esu, considerado necessário como rito propiciatório, pois as primícias sacrificiais devem caber aquele que é, além de primogênito da criação, o portador titular de qualquer oferenda. O seu não cumprimento é visto como implicando em perturbação de toda a ordem ritual.

PAI JOAQUIM — Preto-velho que veio da Índia, trabalha com agulha enfeitiçada nos olhos de morcego.

PAI DE SANTO — Consulte Babalorixá.

PAI-PEQUENO — Consulte Mãe-pequena.

PALHA-DA-COSTA — Tipo de palha proveniente da Costa da África, com que se designa a região sudanesa da África Ocidental (Golfo da Guiné). Usa-se trançada em diferentes artefatos litúrgicos.

PARÁS — Consulte Candomblés.

PATERÉ — Bofe temperado e cozido.

PATÉWÓ ou **IPATÉWÓ** — Palmas em cadência sincopada empregadas como saudação aos orisa, bem como em circunstâncias que impõem o silêncio, como no caso do recolhimento, para indicar uma necessidade a ser atendida. Diz-se paô.

PATUÁ — Amuleto.

PEJI — Altar dos Orixás (Quarto de Santo).

PEJÍ — Espécie de altar onde se encontram dispostos os diversos tipos de insígnias da divindade, como as pedras votivas (ota), armas e demais objetos simbólicos, e onde estão dispostos os recipientes contendo as comidas ofertadas aos orisa.

PEMBA — Espécie de giz de diferentes cores usado nos rituais para riscar os pontos no chão. Traça desenhos mágico-religiosos e de caráter invocatório. É mais frequentemente empregado nos ritos de umbanda. Ralado, tem largo uso na feitiçaria.

PETÊ — Bolo de inhame.

PLANTAS MÁGICAS: ABSINTO — Para afugentar espíritos. **ABROTANO** — Usada como incenso nas evocações. **ALFAZEMA** — Limpa ambiente. **ALHO** — O mesmo uso que absinto. **ARRUDA** — Idem. **ARTEMÍSIA** — Idem. **BAMBU** — Usado como defumador contra as perseguições. **BETÔNICA** — Contra enfetichamentos. **CAMOMILA** — Como condensador de fluidos. **CÂNFORA** — Para atrair espíritos. **ESPADA-DE-SÃO-JORGE** — O mesmo uso que absinto e alfazema. **LÍRIO** — Condensador magnético. **MANJERICÃO** — O mesmo que alfazema. **VERBENA** — Com suas flores se favorece o desenvolvimento da vidência.

POMBA-GIRA — Consulte Esu.

PONTO DE FOGO — Prática mágica, executada com pólvora, para fins positivos (descarrego) ou negativos (Exemplo: mandar exus em perseguição de alguém).

POVO-DE-SANTO — Designação coletiva que abrange o conjunto dos filhos de santo de todos os candomblés.

POXORÓ — Cetro de Oxalá.

PRETOS-VELHOS — Termo que designa um tipo de entidade característica dos cultos de umbanda. Representam os espíritos de negros escravos que se notabilizaram por sua humildade, sabedoria e magia. São conhecidos como Vovô/Vovó, Tio/Tia e Pai/Mãe.

Q

QUARTINHA — Vasilha de barro em forma de garrafa, onde é colocada a água servida para os Orixás.

QUEBRA-DE-QUIZILA — Consulte Quizila.

QUIMBANDA — Feitiçaria de origem afro-brasileira, praticada em todo o Brasil.

QUIMBANDEIROS — Chefe: Pantera Negra.

QUITANDA-DE-IAÔ — Rito do ciclo iniciático em que são rompidos alguns dos tabus que cercam o noviço. Consiste no desempenho dramático de funções e atividades evocativas de situações do quotidiano. O termo alude, ainda, a venda que o iaô efetua de produtos variados (frutas, doces, etc.) expostos sobre tabuleiros, como nas feiras e mercados. A origem do termo quitanda é kimbundo e significa expor, e, por extensão, feira ou mercado.

QUIZILA — Interdito ritual; o mesmo que ewo. Na liturgia dos candomblés há um ciclo cerimonial, onde se realiza o rompimento dos tabus que circundam o noviço durante a iniciação, conhecido como quebra de quizila. Dele fazem parte o panán e a quitanda de iaô.

R

REI HEROM — Curandeiro de pele e feridas.

ROÇA — Consulte Casa de santo.

RUDÁ — Deus do amor.

RUM, RUMPI, RUNLÉ — Consulte Atabaques.

RUMPI — Tambor médio tocado nas cerimônias.

RUN — Tambor grande tocado nas cerimônias.

RUNKO — Termo pelo qual se designa o aposento destinado a reclusão dos neófitos durante o processo de iniciação. f conhecido também como alíase, camarinha ou ainda ase.

S

SAÍDA-DE-SANTO — Consulte Orúko.

SAKPATÁ — Consulte Obalúwaiyé.

SAKPATÉ — Amuleto contra a varíola.

SANT'ANA — Iemanjá.

SANTA BÁRBARA — Iansã.

SANTOS CATÓLICOS NA UMBANDA: JESUS CRISTO — Oxalá.

SANT'ANA — Iemanjá. **SANTA BÁRBARA** — Iansã. **N. S. DA GLÓRIA** —

Nanã-Buruquê. **N. S. DA CONCEIÇÃO** — Oxum. **SÃO JERÔNIMO** — Xangô.

SÃO MIGUEL — Abaluaiê. **SÃO SEBASTIÃO** — Oxosse. **SÃO LÁZARO** —

Omulu.

SÃO JERÔNIMO — Xangô.

SÃO LÁZARO — Omulu.

SÃO MIGUEL — Abaluaiê.

SÃO SEBASTIÃO — Oxosse.

SAWORO — Artefato de palha trançada e que tem como fecho um guizo. O noviço deve tê-lo atado ao tornozelo, e portá-lo durante um largo período após a sua reclusão. Um dos símbolos cerimoniais da sujeição do iaô numa casa de santo.

SIRI — Conjunto de danças cerimoniais onde ocorrem distintos ritmos, cânticos e estilos coreográficos característicos do desempenho de cada Orisa.

SONGÓ — Divindade iorubana do raio e do trovão. Descendente do fundador mítico da cidade de Oyo e seu 4º. rei. Seu símbolo é o machado duplo, notabilizando-se ainda como o dono da pedra do raio, indispensável aos seus assentamentos. É viril, como atestam suas várias esposas (Osun, Oba, Oya), violento e guerreiro, distinguindo-se, sobretudo, pelo seu senso de justiça, aspecto

mais desenvolvido da sua representação no Brasil, e que o liga a São Jerônimo, com quem é sincretizado. Suas cores são o vermelho e o branco. Seu dia é quarta-feira. Saudação — "Ká woóo, ká biye sí!"

SONPONNÓN — Consulte Obalúwaiyé.

T

TABATINGA — Rei dos feiticeiros, indígena sumamente perverso, trabalha só para o mal. É tão temido nos cantibós que, quando o sentem se aproximar, fazem rezas para não deixá-lo incorporar. Consulte Espíritos Feiticeiros.

TACITA — Deusa do silêncio.

TAMBORES-DE-MINA — Consulte Candomblés.

TARUATÁ — Velho pajé da Amazônia, excelente curandeiro.

TATA-DE-INKICE — Consulte Babalorixá.

TATA-MANHA — Mãe do fogo.

TEFROMANCIA — Adivinhação pelas cinzas do sacrifício.

TEMPO — É um índice. Corresponde ao iroko nagô. Muitas vezes seus assentamentos se encontram ao ar livre, isto é, "no tempo". Dele se diz que é o dono da bandeira branca que distingue as casas de santo. Seu símbolo é uma grelha de ferro com três pontas de lança. É sincretizado com São Lourenço, santo católico que sofreu o martírio sobre uma grelha.

TENDJIT — Amuleto negativo usado na magia negra.

TERREI ROS — Consulte Candomblés.

TETEREGUN — Planta da família das ZINGIBERACEAE (*Costus spicatus*, SW.). É conhecida, ainda, como sangolovô e cana-de-macaco. Na classificação das folhas litúrgicas é considerada de agitação.

TUPÃ — Deus do fogo.

U

UADO — Pipoca torrada e azeite de dendê.

UALAFÉ — São João Batista.

UMBANDA — De origem quimbundo: médico-curandeiro, chefe de terreiro. Passou a significar: magia em direção da sabedoria e da perfeição divina.

V

VATAPÁ — Fubá de arroz não dormido, leite de coco e demais temperos.

VERBENA — Com suas flores se favorece o desenvolvimento da vidência.

VODU — Arte mágica e negra, porque de origem africana, praticada em segredo em quase todo o Brasil.

VODUN — Consulte Orisa.

X

XADRÓ — Tornozeleiras usadas pelos iniciados no ritual do candomblé.

XALUNGA — Deus da riqueza.

XANGÔ — Manifestação da justiça, da força e do poder. Consulte orixás.

XANGÔS — Consulte Candomblés.

XAPAMÃ — Consulte orixás.

XAPANÃ — Manifestação da transformação, apresenta-se de duas formas: Abaluaiê, que é o início do ciclo; e Omulu, o fim do ciclo e o conseqüente renascimento.

XINXIM — Galinha com azeite de dendê.

Y

YÁ — Mãe.

YABASSÉ — Chefe da cozinha do Terreiro. Quem prepara a comida dos Orixás.

YALORIXÁ — Sacerdotisa, chefe do Terreiro, zeladora dos Orixás.

YEWA — Orisa feminino do rio e da lagoa Yewe, na Nigéria. Uma das iabás, considerada ora irmã de iyásan, ora esposa de Osumaré. Seu nome significa beleza e graça. As cores de seus colares são o vermelho e o amarelo. Usa como insígnias o arpão, a âncora e a espada. Há um vodun daomeano com o mesmo nome, cultuado em São Luís do Maranhão. Saudação — "Riró!".

BIBLIOGRAFIA

- História de um Terreiro Nagô - Mestre Didi - Editora Max Limonad
- Candomblé A Panela do Segredo - Pai Cido de Osun Eyin - Editora Mandarin
- A Galinha D'Angola - Arno Vogel/Marco Antonio da Silva Mello/José Flávio Pessoa de Barros - Editora Pallas
- Revista Spektrum - 19 - Editora Vechi
- Wikipédia